

A FALTA DE MOTIVAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA EM ESCOLAS PÚBLICAS

José de Lima¹

Eliane Natiane dos Santos²

Tatiane de Carvalho Dias³

Simone Silveira Amorim⁴

Educação



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este artigo reporta-se a uma pesquisa cujo objetivo foi analisar os desafios relativos à falta de motivação dos alunos de escola pública com a aprendizagem de inglês, pautando-se na importância do incentivo e interação da parte dos professores para que os alunos busquem estímulos que possam ajudar a despertar uma motivação para a aprendizagem da Língua Estrangeira, tendo em vista a relevância desse idioma desde os primórdios até a atualidade e os seus problemas existentes em seu ensino na escola pública. Foram utilizados questionários e feita uma breve explanação sobre o problema apresentado. Os dados mostraram que os alunos acham importante saber uma segunda língua, mas não se sentem motivados a aprender em sala de aula, onde uma parte considerável da turma tem uma vivência com o inglês escutando músicas e com jogos.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino e aprendizagem. Motivação. Língua inglesa.

ABSTRACT

This article refers to a study that analyzes the challenges related to lack of motivation of public school students with English learning, guiding the importance of encouragement and interaction of the teachers, so that students seek stimuli that can help awaken motivation for learning LE. Given the importance of this language from the earliest times to the present and its problems in its teaching in public schools. Questionnaires were used and a slight explanation of presentation on the problem presented. The data showed that students find it important to know a second language, but do not feel motivated to learn in the classroom. Where a large considerable part of the group has experiences with English listening music and games.

KEYWORDS

Teaching and Learning. Motivation. English Language.

1 INTRODUÇÃO

As línguas estrangeiras estão ocupando um grande espaço no cenário mundial, no qual a língua inglesa prevalece em destaque entre as outras. Sendo considerada uma língua franca, podemos ter o contato com esse idioma em qualquer lugar, seja do subúrbio até a classe alta da sociedade. É de grande importância ressaltar que na atualidade o conhecimento científico divulgado principalmente na internet está em inglês. E devemos apresentar para nossos alunos a importância desse idioma, porém, existe um grande paradoxo na educação pública, onde muitas vezes o próprio professor tenta ensinar ao aluno algo que ele desconhece.

Mas, como ensinar a língua inglesa em escolas públicas se os professores não são capacitados o suficiente para lecionar? Ou quando o professor tem o conhecimento extraordinário na língua, sabendo utilizar as quatro habilidades do inglês que são *reading* (ler), *writing* (escrever), *listening* (ouvir) e *speaking* (falar), mas não consegue motivar o aluno a aprender a Língua Estrangeira (LE) durante o seu processo de ensino. Segundo Diógenes Cândido de Lima,

O problema é histórico (Oliveira, 2007) e vem desde a universalização do ensino fundamental na década de 1970: o grande desafio não é oferecer escola para todos, construindo prédios, mas ter professores qualificados para a sala de aula. O problema da qualificação tem atrapalhado todas as iniciativas de expansão do ensino, incluindo, atualmente o ensino superior, em que inúmeros

concursos para preenchimento de vagas resultam sem aproveitamento por falta de candidatos qualificados. Há um déficit muito grande de professores, provavelmente em todas as disciplinas, mas é no caso da LE que o fracasso fica mais visível. Antigamente criticava-se um professor porque ele tinha conhecimento, mas não tinha didática. Hoje, [...] nem se fala em didática: critica-se porque não tem conhecimento mesmo. É óbvio que não basta saber a língua estrangeira para ser um bom professor; mas nem mesmo a língua muitos professores sabem, principalmente fora dos grandes centros. (LIMA, 2011, p. 21).

Este artigo pretende demonstrar, com base em uma análise com alguns dados obtidos por meio de um questionário e explicação sobre a importância de um novo idioma na atualidade, realizado em um colégio público do interior de Sergipe, onde a falta de motivação no processo de aprendizagem da Língua Inglesa em escolas públicas é o principal foco. Tentou-se também compreender com as respostas dos alunos se eles se sentem motivados a aprender uma LE, e se eles veem a escola como um centro de ensino apropriado para isso a fim de buscar o ponto de vista dos alunos sobre a importância de aprender inglês e se há motivação por meio dos professores. Segundo Tardif (2014, p.119):

Quer queira quer não, todo professor, ao escolher ou privilegiar determinados procedimentos para atingir seus objetivos em relação aos alunos, assume uma pedagogia, ou seja, uma teoria de ensino – aprendizagem. Assim como não existe trabalho sem técnica, também não existe processo de ensino-aprendizagem sem pedagogia, embora se manifeste com frequência uma pedagogia sem reflexão pedagógica.

Nesta perspectiva, entende-se que o papel do professor é muito importante dentro de um contexto social e núcleo escolar e que essa interação entre aluno e professor sempre está interligada em linhas invisíveis do ensino-aprendizagem, pois ambos precisam dessa ligação para uma construção do saber docente. Assim, este artigo tem como objetivo analisar os desafios relativos à falta de motivação dos alunos de escola pública com a aprendizagem de inglês, pautando-se na importância do incentivo e interação da parte dos professores para que os alunos busquem estímulos que possam ajudar a despertar uma motivação à aprendizagem da Língua Estrangeira, tendo em vista a relevância desse idioma desde os primórdios até a atualidade e os seus problemas existentes em seu ensino na escola pública.

2 INTERAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS – A IMPORTÂNCIA DA MOTIVAÇÃO EM SALA DE AULA

Ressalta-se a importância de haver uma interação entre professores e alunos no que diz respeito ao processo ensino e aprendizagem nas aulas de línguas estrangeiras, especificamente a língua inglesa. Pois com essa interação será mais fácil criar uma motivação para o interesse dos alunos. Buscando estímulos que possam ajudar a despertar uma motivação para a aprendizagem da LE, assim, de início os professores dessa língua precisam parar de subestimar os seus alunos, acabando com o tabu de que alunos de escolas públicas não podem ou não têm condições de aprender uma segunda língua.

Esses problemas geradores que causam esses transtornos devem ser trabalhados ainda na academia, onde o estudante que será licenciado possa compreender a importância de ser um mediador competente em sala de aula. Criando experiência já nos estágios, para que todos revejam a sua prática de ensino e consigam mudar as reflexões geradas em sua formação.

Assim, componentes mais primordiais para a transição entre a motivação para aprendizagem da língua inglesa em escolas públicas está nas mãos dos professores. Com o entendimento de Pinto (2001, p. 472) concluímos que: “É, contudo, no nível da situação de aprendizagem que parece se encontrar um fator bastante poderoso para a motivação: o professor. O estilo controlador, *feedback* constante, a sintonia afetiva com os alunos [...]”. Onde uma citação de Oliveira (2014), menciona que a posição de Gattegno é representada por um pensamento de Benjamin Franklin, que se tornou popular entre professores de inglês, que é: *Tell me and I forget, Teach me and I remember, Involve me and I learn* (Diga-me e eu esqueço, Ensina-me e eu me lembro, Envolve-me e eu aprendo).

Ao se levar em consideração outros aspectos, ainda existem questões importantes, ou seja, mesmo o professor usando o português em sala de aula, é necessário o domínio da metalinguagem, onde o docente consegue trabalhar com a gramática, sabendo mediar ou discutir sobre o uso da língua inglesa, que é o nosso principal foco. A dominação da língua e a postura de como o professor a usa, também é uma maneira de motivar os alunos. Seguindo o paradigma do conceito de Tardif e Gauthier (1996, p. 11), os quais nos mostram que, para quem “o saber docente é um saber composto de vários saberes oriundos de fontes diferentes e produzidos em contextos institucionais e profissionais variados.”

3 O QUE DIZEM OS PCNS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de língua estrangeira para o ensino fundamental e médio, tem-se o objetivo de fazer com que os alunos aprendam apenas

uma das quatro habilidades de uma língua, que é a leitura a fim de que os alunos consigam compreender textos ou informações que estão à sua volta. Com o ensino de um inglês instrumental focado na obtenção da compreensão leitora não é o suficiente para que um aluno possa interagir com a língua em diversas ocasiões que possam ocorrer em sua vida. No entanto, língua inglesa ganha um alto relevo na atualidade, com a ajuda dos PCNs de Língua Estrangeira que salientam:

A avaliação da compreensão escrita deve ser um processo integrado e contínuo. O professor precisa, portanto, 'aconselhar, coordenar, dirigir, liderar, encorajar, animar, estimular, partilhar, aceitar, escutar, respeitar e compreender o aluno'. (PARÂMETROS, 1998, p.82).

Porém, "[...] o sistema educacional brasileiro coloca no mercado de trabalho professores despreparados e muitos recorrem aos cursos de especialização em busca de uma regraduação, o que naturalmente não encontram" (DUTRA; MELLO, 2004, p. 37). Então, como motivar um aluno de escola pública a querer estudar um novo idioma, se as aulas focam em traduções de textos que não lhe interessam, e o professor em sala de aula não tem uma didática motivacional? São esses paradoxos que precisam ser revistos. Onde poderiam usar uma metodologia mais eficaz com os alunos, lhe apresentando, por exemplo, a cultura dos países que falam o inglês, quais são os seus costumes, como essa língua globalizada pode nos tornar mais preparados ao mercado de trabalho, e assim, concretizar algo seja aproveitável e bem recebido para os alunos, mudando as suas realidades.

4 A REALIDADE DO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA ESCOLA PÚBLICA, E COMO DEVE SER O PERFIL DO PROFESSOR(A) DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

A realidade do ensino está estampada para quem quiser ver. Mesmo que a carga horária não seja propícia para elaborar uma aula fantástica, ou ao menos seguir o que os PCNs de língua estrangeira pedem, os professores continuam trabalhando em sala de aula sem nenhuma melhoria em sua metodologia de ensino. Onde é utilizado o mesmo conteúdo para diversas turmas de séries diferentes. Mantendo-se assim o tabu de que em escola pública apenas ensina-se o "famoso e chato VERB TO BE", dando uma continuidade na desmotivação predominante em sala de aula. É de grande relevância concordar e destacar o pensamento de Schmitz (2009, p. 17):

Acredito que, mesmo em uma aula dedicada à leitura de textos, a professora pode fazer perguntas em inglês. A professora pode usar seu inglês para cumprimentar a turma, dar instruções e orientações. Os alunos poderiam optar por responder em português ou em inglês. Ouvindo inglês, aos poucos, os

discentes vão ganhar coragem para perguntar e comentar nessa língua. Como metodologia de ensino, ouvir inglês e ter a chance de 'se aventurar' em inglês, são procedentes, pois o professor não estaria 'songando' ocasiões e oportunidades para o desenvolvimento da compreensão auditiva e da fala. Daí se vê que as habilidades de compreensão e da fala estariam presentes, mesmo numa aula cujo foco central é a leitura de textos em inglês. E nada impede que a professora motive a classe a fazer resumos ou paráfrases dos textos lidos. Assim, a habilidade da escrita não ficaria deixada de lado..

Para acostumar o uso da língua inglesa no ambiente escolar, ou seja, na sala de aula, os professores podem usar o inglês, mesmo o pouco que saibam para acostumar os discentes a ouvirem, ou até mesmo tentar falar a língua inglesa. A apresentação da cultura dos países que têm a língua inglesa como língua materna é extremamente importante, porque a cultura também faz parte do processo de ensino e aprendizagem das LE.

O professor deve iniciar as aulas com pequenas frases ou questionamentos simples, que também podem ser relacionados a um texto que foi ou será utilizado, para que os alunos obtenham certo costume e liberdade de interagir com o pouco que foi aprendido a cada dia. Porém é de grande importância também o professor apresentar um vocabulário com palavras chaves, facilitando a compreensão dos alunos. Algumas das frases ou questionamentos que podem ser usados logo de início seriam:

Good morning! How do you do? What is the title of the text that we will read today? What do you think about this text? Did you like it? Tell me in English or in Portuguese.

São com essas iniciativas que podemos criar um interesse entre os alunos para a aprendizagem da LE. Leffa (2008, p. 6) diz que: "A transmissão do significado dá-se através de gestos e gravuras, sem jamais recorrer à tradução. O aluno deve aprender a 'pensar na língua'". A falta do uso do idioma pelo docente leva também o aluno a pensar que o professor não domina ou ao menos não tem um conhecimento que possa ser mediado, pois um professor bilíngue, já é uma característica que o distingue dos outros.

5 METODOLOGIA

Participaram da pesquisa 42 alunos do primeiro ano do ensino médio, do turno vespertino de um colégio estadual do interior de Sergipe. Essa série foi es-

colhida por se tratar de um momento em que os alunos começam a pensar em que profissão deve seguir e sobre o desejo de conseguir um bom emprego e onde a maioria dá início ao mundo do emprego e renda, trabalhando no Jovem Aprendiz. Este é um sistema onde os jovens estudam e trabalham em turnos diferentes com o objetivo do desenvolvimento profissional. Com esse contexto os alunos precisam saber a importância de uma segunda língua para o favorecimento do seu currículo futuramente.

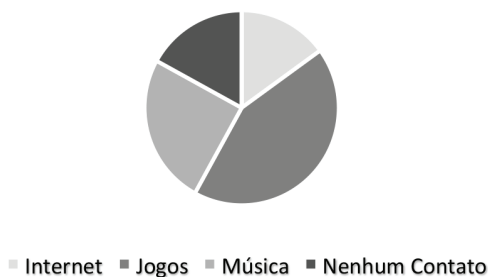
Para o enriquecimento desta pesquisa, no primeiro momento foi explicado para a turma o quão importante é dominar uma segunda língua na atualidade, pois com um idioma em seu currículo, as portas do mundo empregatício estarão abertas ao seu favor. Além de ficarem atualizados no mundo, podendo ler jornais famosos como o NYTimes, ler livros em seu idioma original entre outras atividades.

No segundo e último momento foi utilizado um questionário, com as seguintes perguntas: 1) Você acha importante o aprendizado de uma nova língua estrangeira como o inglês? Por quê? 2) Quais os motivos que levaria você a querer aprender inglês? 3) Como é o seu contato com o inglês no dia a dia? 4) Você se sente motivado a aprender inglês em sua escola? 5) O seu professor(a) de inglês lhe apresenta a cultura dos países que falam inglês como forma de incentivo para o seu aprendizado na língua inglesa? 6) O seu professor(a) de inglês tenta motivar a turma, apresentando a importância de saber inglês na atualidade? 7) O que seu professor(a) de inglês utiliza em sala de aula para tentar lhe ensinar o inglês de forma que lhe atraia o interesse? 8) Como você descreveria o seu professor(a) de inglês de acordo como ele aborda a sua metodologia de ensino em sala de aula? Com as respostas coletadas dos alunos por meio do questionário, foi finalizada a pesquisa na escola.

6 RESULTADOS

Os dados mostraram que 91% dos alunos acham importante o aprendizado de uma nova língua estrangeira, a maior parte da turma, diz que é importante saber outro idioma para quando houver uma oportunidade de conhecer outro país, poucos citaram a importância de um novo idioma como benefício para obter um emprego. Já os 9% da turma consideram que não há necessidade do aprendizado de uma segunda língua. Mas, mesmo que a maioria dos alunos ache importante o aprendizado de um novo idioma, eles também dizem que não se sentem motivados em momento algum a aprender uma LE.

Gráfico 1 – A estatística do envolvimento dos alunos com o inglês no cotidiano



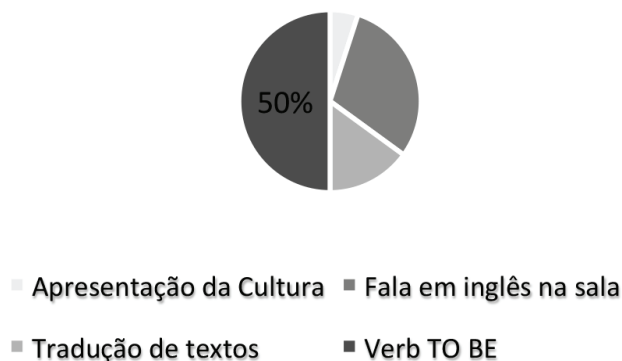
Fonte: Os autores a partir da análise de dados.

De acordo com o Gráfico 1 acima, 15% dos alunos têm o contato com inglês pela internet, 43% em jogos, 25% ouvindo músicas e 17% da turma diz não ter nenhum contato com inglês. De acordo com a análise, os alunos têm um contato maior com jogos e músicas, facilitando a criação de uma estratégia que possa incluir essas duas atividades em sala de aula, como forma de motivação, mas não perdendo o foco da leitura. Segundo Ferraz (2012, p. 79):

Muitos jovens alunos apresentam, geralmente um *mindset* influenciado pelas novas tecnologias e circulam nas dimensões instrumentais, culturais e críticas. E como enfrentarmos os novos desafios que a adoção das novas tecnologias pode trazer? Do mesmo modo, sugiro que nosso desafio como educadores de línguas estrangeiras é problematizar as visões sobre educação e tecnologia e, talvez, vislumbrar a importância das mesmas se desejamos unir educação e as novas tecnologias.

O Gráfico 2 mostra o que a professora utiliza em sala de aula para tentar motivar e atrair o interesse dos alunos no aprendizado do inglês.

Gráfico 2 – Práticas utilizadas para atrair e motivar os alunos no aprendizado do inglês



Fonte: Os autores a partir da análise de dados.

Em relação ao gráfico acima, os alunos falaram que a professora usa a apresentação da cultura dos países que falam inglês com porcentagem mínima de 5% que é pouquíssimo, pois conhecer a cultura também é de grande importância, uso de Tradução de textos com 15%, fala em inglês na sala de aula em 30% e usa o VERB TO BE em 50% de todas as aulas. O ensino do “*verb to be*” nas escolas públicas ainda prevalece em grande escala, e esse ato ainda cometido nas escolas é um grande erro. Como motivar um aluno a estudar algo que não lhe atraia nenhum interesse? Em que momento o aluno vai usar apenas o *verb to be*? O discente não precisa aprender a dominar a língua, e sim, conseguir se comunicar sem hesitar, em qualquer situação que possa ocorrer, ou conseguir interpretar um texto que não esteja em sua língua, como nas questões de língua estrangeira na prova do ENEM.

Em uma situação de emprego muitas vezes é exigida uma proficiência na língua, como um estudante que passou o ensino fundamental e médio com o ensino de inglês em sua grade curricular, e não sabe nada de inglês? O mais absurdo de todo esse contexto discursivo é que os alunos reprovam em sua língua mãe (Português), e são aprovados nas LE. Fazendo-se os alunos acreditarem que o inglês não vale de nada. E é apenas mais uma matéria que o aluno necessita em ser aprovado para mudar de ano letivo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados revelaram que a maior parte dos alunos acha importante o aprendizado da língua inglesa, mas se for levar em consideração a motivação da parte dos professores ou da própria escola, não há nenhuma interação para formalizar ou motivar os estudantes a criarem uma vontade própria de estudar o segundo idioma. O contato do inglês com a maioria dos estudantes pode-se considerar comum na atualidade, pois muitos jovens sempre estão escutando músicas de cantores estrangeiros, e jogos virtuais que podem ser acessados por aparelhos portáteis.

Apesar de a internet, estando a todo o momento em utilização por grande parte dos jovens, estes afirmam que não têm contato com o inglês por meio dela. Mas eles estão errados, com essa resposta, é notório que eles passam por despercebidos quando estão acessados. Pois na internet há várias ferramentas, *links*, expressões de redes sociais, dentre outras atividades que podem ser e estão em inglês. Como o uso é constante eles não notam o inglês em toda a sua volta.

O envolvimento da apresentação da cultura de outros países que falam inglês, como já foi citado acima, é de grande importância para criar uma motivação. Essa motivação deve ser iniciada com a utilização do inglês em sala de aula, criando exposições e trabalhos com os alunos onde eles podem demonstrar quem foram os grandes líderes de nome renomado do norte da América. Criar eventos onde os alunos possam representar datas comemorativas como o *Thanksgiving* ou o *Five o'clock tea*.

Os fatores apresentados em base contra a falta de motivação da aprendizagem da língua inglesa é um assunto onde irá ocorrer com frequência, pois essa problematização deve ser revista, os professores necessitam se conscientizar, e pensar nos alunos. Os fatores que interferem para motivar os alunos a aprender o inglês, como segunda língua, também podem passar por motivos da Psicologia Cognitiva. Segundo as pesquisas de Pinto (2001, p. 458) sobre a motivação, destaca-se:

Recentemente, as explicações motivacionais têm buscado incorporar dimensões da Psicologia geral, educacional e cognitiva, que considera que 'os motores do comportamento humano estão no próprio indivíduo' (Dörnyei, 1994). De acordo com esta concepção, os alunos são motivados basicamente por seus pensamentos e emoções conscientes, codificados e transformados em crenças que são a fonte da ação.

Levando em consideração todos os aspectos apresentados neste artigo, é conclusivo que a motivação é considerada o fator mais poderoso na aprendizagem de um segundo idioma. Assim, os dados obtidos para a afirmação que não há motivação nas escolas públicas no processo de aprendizagem da língua inglesa serão de grande dimensão posteriormente para dar continuidade na pesquisa sobre o tema em destaque. Abrangendo dados buscados por meio de um número maior de escolas para serem pesquisadas. Tentando contribuir com o melhoramento na motivação nas escolas, para tornar a aprendizagem desse idioma mais eficaz para nossos alunos.

REFERÊNCIAS

GRIGOLETTO, Marisa; CARMAGNANI, Anna Maria G. **Inglês como língua estrangeira: identidade, práticas e textualidade**. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 2001.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H.I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: UFSC, 1988. p.211-236. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf>. Acesso em: 27 maio 2016.

LIMA, Diógenes Cândido. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

LIMA, Diógenes Cândido. **Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011.

LINGUAGENS, Códigos e suas tecnologias/secretaria de educação básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Aula de inglês: do planejamento à avaliação**. São Paulo: Parábola, 2015.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias**. São Paulo: Parábola, 2014.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

STELLA, Paulo Rogério et al. **Transculturalidade e de(s)colonialidade nos Estudos de inglês no Brasil**. Transculturality and descoloniality in English Studies in Brazil. Maceió: EDUFAL, 2014.

TARDIF, Maurice; GAUTHIER, Clermont. O saber profissional dos professores: fundamentos e epistemologia. In: Seminário de Pesquisa Sobre o Saber Docente, 1996, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: UFCE, 1996. (mimeo).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Data do recebimento: 25 de julho de 2016

Data da avaliação: 29 de julho de 2016

Data de aceite: 2 de agosto de 2016

-
1. Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras Inglês e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade: Sujeitos e Práticas Educativas, Universidade Tiradentes – UNIT, Campus Centro/Aracaju/Sergipe. E-mail: josedelima019@gmail.com
 2. Graduada em Letras inglês e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade: Sujeitos e Práticas Educativas, Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: eliane_natiane@hotmail.com
 3. Professora de Educação Física de uma rede particular de ensino na Cidade de Aracaju-Sergipe; Pós-graduada em Natação e Atividades Aquáticas; Membro do Grupo de Pesquisa Educação e Sociedade: Sujeitos e Práticas Educativas, Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: tatidiasaju@gmail.com
 4. Orientadora do trabalho. Doutora em Educação, Mestre em Educação e pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Universidade Federal de Sergipe – UFS; Associada à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); Integrante do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/CNPq da Universidade Tiradentes e do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos de Cultura da UFS/NECUFS; Professora PPG I no Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: simone_silveira@unit.br